WALL STREET CALLS FOR HELP

THE GILLETTE MAN

LEHMAN
1850 • 2008

BEAR STEARNS
1923 • 2008

WAMU
1889 • 2008

MERRILL
1914 • 2008



Prevention, Not a Cure

Ferdinando Frega

WALL STREET PEDE AJUDA — O HOMEM GILLETTE

Prevenção, não cura

E pensar que tudo começou como uma brincadeira — escrever mensagens no WhatsApp.

Mensagens jogadas ao vento. Sem filtro. Sem pretensões.

Depois me convenceram de que aquelas mensagens podiam virar um livro.

Depois me empurraram a sonhar mais alto: publicar uma pilha inteira e ficar rico.

E onde mais, senão na Amazon?

O que eu chamo de “A CASA DOS SONHOS PARA OS TOLOS.”

Porque lá dentro todo mundo sonha. Pouquíssimos entendem as regras do jogo.

Depois, do nada, veio uma forma de validação que eu nunca esperava.

Não de um editor. Do próprio sistema.

Minhas palavras tinham peso suficiente, significado suficiente, para chegar à web, dentro de WALL STREET, no primeiro lugar.

Acima das figuras históricas.

Lá, onde contam os bilhões e os nomes estão gravados no mármore.

E de repente entendi que o quatro em dez que tirei em italiano na escola não era uma condenação. Era uma bênção.

Se eu tivesse tirado três, que porra teria acontecido? Outra revolução.

Teriam chamado de evolução, claro. Só para manter todo mundo calmo.

Sempre trabalhei de um jeito diferente: sigo as ideias. As ideias geram pensamentos. Os pensamentos viram fatos.

Fatos concretos. Território ocupado. Uma marca deixada.

Muita gente me criticou por isso. Dizem que essa minha arquitetura cognitiva produz justamente o que ninguém espera. Cria confusão. Distração.

E como não encontram uma categoria onde me colocar, eu me torno ingerenciável para quem tem como trabalho rotular tudo.

Foi mais ou menos o mesmo quando a Morte veio me buscar. Seis vezes.

Seis vezes a Morte desceu, me olhou de cima a baixo e decidiu me deixar exatamente onde eu estava.

Com medo de que, em algum ponto do caminho, eu mudasse as regras. E o resultado.

De que eu pudesse reorganizar o próprio destino — e deixar até o Diabo se perguntando como deveria lidar comigo.

Nunca ouvi a conversa, mas tenho certeza de que alguém recebeu esta ordem:

“Por favor. Deixem o Nando Frega onde está. Que as pessoas em volta dele enlouqueçam primeiro. Um dia vamos providenciar a

transferência dele. Até lá ele vai querer alguma coisa, e teremos mais chance de comprá-lo."

Então escrevo ao tio Warren. Faço-lhe uma oferta. Peço-lhe 1 USD.

Mas antes de tudo, lembro a ele que sou filho de um homem Gillette que deu à empresa quarenta anos. E que eu mesmo dei dezoito.

Não sou alguém de passagem. Venho de dentro.

Sabendo que ele tem muita experiência com bandidos e diligências, anexo documentos que mostram o que estou fazendo, como estou fazendo e os resultados que estou obtendo.

Nada de conversa. Provas.

A carta foi para a Berkshire dele. Nenhuma resposta voltou, mas isso pouco importa.

Em dez minutos, a web tinha colocado o PDF nos resultados de busca do nome dele. Foi entregue diretamente a ele.

A web não precisa de carteiros.

Algum tempo depois, escrevo a Pichai, o CEO da controladora do Google.

Faço-lhe a mesma oferta de 1 USD, mas aviso que ele é só o quarto da fila.

E tive a brilhante ideia de anexar minha carta ao tio Warren. Só para ele entender que já existe uma fila.

Poucos dias depois, descubro que os dois se conhecem. Ainda não sei a história deles. Vou descobrir.

Em 1º de junho de 2026, a Berkshire formalizou um investimento de 10 bilhões de dólares na controladora do Google. O tio Warren o abençoou: a ideia tinha sido dele. A web era o futuro.

O futuro é semântico.

Os dois também conversaram por telefone. Falaram, presumivelmente, de mim:

“O que fazemos com esse calabrês que pediu um dólar a cada um de nós?”

O tio Warren diz para não fazer nada, deixar esfriar. Mas, enquanto isso, lê minha carta. Depois a lê de novo.

Vê o que está escrito. E o que não está escrito.

A parte não escrita é o que mais o preocupa. Porque o que não está escrito é o território que já está sendo ocupado.

Há anos ele prega a Wall Street que dê às empresas a capitalização que elas merecem. Não apenas transformá-las em minas a serem esvaziadas, mas construir seus ativos semânticos.

Os únicos ativos que duram. Todo o resto desmorona. O significado permanece.

Mas ele entendeu outra coisa: o risco para o capital semântico pode vir de qualquer um com um teclado, uma escrivaninha e uma história. Ninguém está imune. Qualquer um.

Até um calabrês com um celular.

Ele reconhece que a empresa mais exposta é a P&G, e que o calabrês é um dos atores-autores que já ocupam o território semântico dela na web. Porque a P&G vive de significado, não só de produto.

Seu amigo Moeller, o CEO da P&G que tinha conquistado a confiança dos acionistas, deixou o cargo mais alto depois de trinta e oito anos na empresa. Agora há um novo CEO, um executivo mais jovem, nascido na Índia, com quem a conversa parece distante.

Uma mudança de época. Um vazio onde antes havia escuta. Uma confiança que ainda não criou raízes entre os acionistas.

Nestes dias, seu velho conselho aos investidores volta a circular na internet, e eu o leio como um alerta: comprem pelo fundo Vanguard.

Uma referência para o S&P 500, mas também acionista da P&G, com uma participação de quase 10 por cento. Em caso de queda da ação, a Vanguard tem de absorver a perda sem poder vender.

Um alerta disfarçado de conselho, mas é uma manobra de proteção.

Sem ela, o perigo seria um colapso financeiro pior do que o de San Francisco nos tempos de Giannini.

Porque quando a confiança semântica desaba, tudo desaba junto.

Mas, com o que está fazendo, ele também valida o trabalho de quem, como eu, trabalha com o capital semântico.

E só para nos entendermos: isto não é como trabalhar na Toyota.

Na Toyota, você otimiza a cadeia.

Aqui, você a reescreve.

Ferdinando
Reggio Calábria, 13 de outubro de 2026